

CONCOURS GÉNÉRAL DES LYCÉES

—

SESSION 2018

—

**COMPOSITION EN LANGUE PORTUGAISE**

(Classes de terminale toutes séries générales et technologiques)

Durée : 5 heures

—

*L'usage de tout dictionnaire est interdit*

**Consignes aux candidats**

- Ne pas utiliser d'encre claire
- N'utiliser ni colle, ni agrafe
- Numéroter chaque page en bas à droite (numéro de page / nombre total de pages)
- Sur chaque copie, renseigner l'en-tête + l'identification du concours :

Concours / Examen : CGL

Section/Spécialité/Série : PORTU

Epreuve : 101

Matière : PORT

Session : 2018

## TEXTE

### A professora

A professora Maria Alice era boazinha, não maltratava os meninos. Todo o mundo gostava dela.

5 A professora anterior não deixara a mesma simpatia. E era filha de Santo Antão! Não gostava do campo, dizia que não praticara nenhum crime para estar degredada. Rabujenta e soberba, segundo o testemunho das pessoas que se lhe tinham aproximado, assim como não gostava do lugar também não era amiga dos meninos que frequentavam o seu posto. No fim do ano lectivo quase não tinha lá menino nenhum, e Norte de Meio ia ficando sem escola por falta de frequência.

10 Maria Alice era de S. Vicente. Menina prendada, mansa e sempre triste. Ninguém sabia a razão da sua tristeza. Talvez porque amava a família e andava tão longe dela. Ou porque sentia que estava desperdiçando a melhor quadra da sua vida naquela solidão forçada. Por isso iam salvá-la, conversar com ela no terreiro do posto, levavam-lhe presentes, frangos, leite, ovos, queijos. Com as férias grandes ausentou-se para a sua Ilha. Todo o mundo foi despedir-se dela. Houve guisa, como se fosse para nunca mais, como se tivesse morrido. Ela acenou com o lenço até desaparecer atrás do último morro. Mas levou os olhos inchados de comoção pela ternura daquele povo. E na saudade que o povo guardou, ficou a princípio uma esperança, e depois um veemente desejo de que a professora triste regressasse à casinha do morro de Norte de Meio.

15 Em muitos, à ansiedade da chuva veio juntar-se a ansiedade de regresso da « menina Maria Alice ». E de tal modo o povo pôs o coração nela que o seu regresso passou a ser uma questão de fé. Eu tenho fé que ela há-de vir. Ocês vão ver. Houve quem fizesse promessa a Santo André. E voltou mesmo, no princípio de Outubro, quando os campos se achavam atapetados de verdura alta, do cimo das montanhas ao litoral, e já com os milharais tenros e ondulantes, como uma grande maré na fase da enchente.

20 Quando ela voltou houve um movimento geral. A notícia correu célere: a professora do ano passado já veio. José da Cruz pensou que talvez pudesse mandar o Lela à escola. Era bom ter homem em casa com prenda na cabeça. Homem que sabe escrever no papel não esquece na cabeça. Tivera a mesma ideia, de dar letra ao filho, no ano passado, quando a fama de Maria Alice lhe chegara em casa. Mas não era tão fácil pôr em prática o seu desejo. O posto de ensino ficava a mais de uma légua de distância, por maus caminhos; o menino levaria o dia inteiro nisso e não aguentaria o ano todo. Acabaria por desistir. Além disso sempre haviam de precisar dele, não sobraria tempo para qualquer trabalho caseiro. Mochinho tinha sempre que fazer fora. Era moço de mão rija, sabia executar as lides da horta, e dava umas sachadelas com a enxadinha, etc. Lela ia fazer falta à Zepa, para tratamento dos bichos, carregos de água e outros afazeres de ourela de casa. [...]

25 O posto de ensino do Norte de Meio estava instalado numa casinha solitária alcandorada na meia encosta dum morro. [...]

30 A petizada apinhava-se nos bancos, encolhida e de bico calado, os olhos arregalados para a mestra. Esta escrevia números e letras no quadro negro – os números e as letras irrompiam do negrume do quadro como fantasmas misteriosos das trevas da noite – voltava a sentar-se, fazia girar duma banda para a outra a comprida vara de marmelo que zumbia, num movimento mais nervoso de ganzão. Quando esta se afastava do quadro e pairava interrogativa no espaço, os miúdos tiravam os olhos da mestra e seguiam, cheios de aflição, atemorizados, os voos da vara traiçoeira, temiam-na porque não sabiam até onde ela, de repente, poderia chegar. Mas a professora aproximava-se deles, passava-lhes as mãos pelos cabelos ásperos, falava-lhes com brandura; a classe toda, num coro cantado, ia pisando aos poucos os degraus da sabedoria, BÊ-A-BA, CÊ-A-CA... um e um dois, dois e dois quatro, e a prenda, num ritmo monótono e colectivo, entrando-lhes na cabeça.

35 À hora do recreio depois da tabuada dos mais espigados, iam todos brincar para o terreiro; trepavam à alfarrobeira uns, espalhavam-se outros aqui e ali esgravelhando, ou brincando a reianata. As meninas, de carrapitos e laços, sossegadinhas, mantinham-se muito juntas com receio dos pinchos dos rapazes, e riam-se com risinhos guinchados. Maria Alice gostava de ver os meninos saltando no terreiro, gostava de os ver assim como bichinhos rebeldes sem aquele ar de medo que traziam habitualmente nos olhos quando entravam na escola.

55           Tinha dó da prematura seriedade e da timidez naquelas crianças que não sabiam divertir-se, tão diferentes das outras crianças, habituadas como estavam à monotonia dos trabalhos e à austeridade da sua vida. Quando terminava a aula cada qual tomava o seu rumo; o livrinho encardido debaixo do braço, o buli de cabaça com água e a garrafa de leite ou a sacola suspensa ao ombro por uma guita de carrapato. A casinha ficava mergulhada num silêncio repentino. Maria  
60 Alice trazia o mocho para o terreiro, abandonava no regaço o romance de Madame Dell ou a renda, renda miúda para guarnições íntimas, e ficava olhando, perdidamente, o oceano que se estendia, vazio, até o horizonte.

          Depois chegava nha Gaída. Conversava um bocado com a professora antes dos arranjos do jantar. Nha Gaída por sua vez tinha dó da menina boazinha ali naquele desamparo, longe da família. À hora do desamparinho o mar mudava de cor, a pouco e pouco, até escurecer de todo. No céu ficavam manchas arroxeadas e alaranjadas que, de repente, numa agonia mágica, se apagavam. A professora chorava todos os dias ao tombar do crepúsculo, no terreiro daquela casinha abandonada. Chorava para si, sem soluços, um chorinho romântico, de menina só...

Manuel Lopes, *Os Flagelados do Vento Leste*, Edições 70, 1960.

## Travail à faire par le candidat

### I. ÉTUDE DU TEXTE

1. Caractérize a personagem de Maria Alice.
2. Estude e comente a ligação entre os habitantes de Norte de Meio e a instituição escolar.
3. Analise o relacionamento da professora com os alunos.
4. Baseando-se no texto, explique de que maneira o narrador evoca a Escola num meio rural.

### II. ESSAI

"... a classe toda, num coro cantado, ia pisando aos poucos os degraus da sabedoria ..."  
(linha 45)

A seu ver, será que a escola ainda desempenha um papel social relevante na nossa sociedade? Apresente a sua opinião numa composição cuidada e ilustrada com exemplos.

### III. TRADUCTION

Passe para o francês o trecho de "A professora Maria Alice ..." (linha 1) até "... à casinha do morro de Norte de Meio." (linha 17)